

Resenha:
Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas¹

*Amilton Queiroz*²

Ana Mafalda Leite é uma intelectual que traduz as facetas culturais das literaturas africanas de língua portuguesa. Docente na Universidade de Lisboa, ela viaja nas canoas dos estudos literários, atracando seu foco de atuação na praia das literaturas de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe – lugares residuais de várias Áfricas cuja capilaridade ficcional e poética fotografa o (des)encontro de si mesmo frente aos entrecruzamentos de memórias, línguas, tradições e o esfumaçamento das fronteiras geográficas (trans)criadas nas palavras e histórias que flanam nas águas do Atlântico.

Para (carto)grafar os marcos e as marcas da configuração do imaginário móvel dessas literaturas, a autora portuguesa viaja pelos bosques da ficção e da crítica, costurando argumentos que fomentam a abertura de rotas de leitura centradas na análise das relações simétricas e assimétricas entre distintas experiências coloniais. No âmbito do primeiro, encontram-se textos lapidares como *Em sombra acesa* (1984), *Canções de Alba* (1989), *Mariscando luas* (1992), *Rosa da China* (1999), *Passaporte do coração* (2002), *Livro das encantações* (2005). Na instância da produção científica e ensaísta, contabilizados prefácios, posfácios e artigos em livros, merece especial destaque *A poética de José da Craveirinha* (1991); *Modalização épica nas literaturas africanas* (1995); *Oralidades & escritas pós-coloniais* (1988); *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*, dentre outros.

Do trânsito entre tais paisagens discursivas, a pesquisadora lusa monta uma proposta de trabalho que traz, de um lado, como pauta principal de sua agenda analisar as representações das textualidades orais e sua entrada no terreno da escritura dos autores africanos contemporâneos. De outro lado, Leite constrói uma moldura teórico-metodológica sedimentada no campo dos estudos pós-coloniais. Resulta disso um profícuo aparato que deambula nos portos da crítica, teoria e história literárias, costuradas com as linhas do *espaço nômade do saber* da literatura comparada, como aponta Eneida Souza (1994), ou seguindo o lastro da intelectualidade pontificada nos grãos do discurso de Tania Carvalhal (1991) – o de que o comparatista (re)visita constantemente os *encontros da travessia de seu fazer crítico* – isto é, cavar leituras cruzadas do texto ficcional e seus namoros com a(s) culturas, contextos(s) e liminaridade(s) da sociedade.

1 LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & Escritas Pós-Coloniais: Estudos Sobre Literaturas Africanas*. Niterói (Rj): Eduerj, 2012.

2 Doutorando em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Alicerçado neste baldrame de relações confessas e inconcessas, assim como entrecruzando fios temáticos de discursividade, o livro *Oralidades & escritas pós-coloniais – estudos sobre literaturas africanas* tem um arcabouço de trezentas e dezenove páginas, por entre as quais o leitor encontra uma acurada reflexão sobre as zonas de articulação existentes no plano das várias experiências coloniais vividas na bacia cultural africana – especialmente a dos redutos da prosa e poética rizomática de Moçambique e Angola.

A obra está organizada em seis partes. A primeira – intitulada *Representações da oralidade nas literaturas africanas* – subdivide-se em nove subtópicos que orbitam em torno da produção literária de Mia Couto, Fernando Fonseca Santos, Manuel Rui, Ungulani Ba Ka Kosa, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Arlindo Barbeitos e Ruy Duarte de Carvalho.

A segunda – *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais* – abraça a finalidade de pontuar os caminhos pelos quais se podem formular lugares teóricos que extrapolem as fronteiras disciplinares e conjuguem perspectivas de abordagem focadas no diálogo entre os dizeres da história, literatura, antropologia, geografia, filosofia, dentre outras. Dentro desse mirada crítica, Leite mapeia as particularidades do *colonialismo português*, *as formulações pós-coloniais nas literaturas africanas de língua portuguesa, centros e periferias, cânones, valores e as histórias das literaturas nacionais africanas*.

Voltada para o entendimento das configurações textuais da oralidade no cânone moçambicano, a terceira parte ancora-se no passeio pela ficção de Mia Couto e Paulina Chiziane. Os lugares de linguagem pescados, para fins de investigação, são os romances *Terra Sonâmbula*, *O último voo do flamingo*, *A varanda do frangipani*, *O sétimo juramento e Niketche, uma história de poligamia*. Do deslocamento por esses territórios de papel, a autora em tela deixa a lição de que a prática narrativa, em Moçambique, forja-se na traduzibilidade dos pactos alegóricos escondidos dentro das janelas discursivas construídas no palco dos contos e romances moçambicanos. Tendo isso em conta, lê-se criticamente a diversidade de uma nação pluriétnica e pluricultural, atravessada por encaixes, alternâncias e dilatações que, somadas, desnudam uma visão (des)assombrada das cicatrizes e violências gestados no imaginário das/sobre culturas africanas.

Entrando nos labirintos discursivos do cânone histórico colonial, a antipenúltima parte de *Oralidades & Escritas Pós-coloniais* exuma as artes mágicas do discurso do narrador de *A gloriosa família*, de Pepetela. Além disso, vasculha os laços entre tradição oral e história, os mitos de origem, a lenda histórica, o tempo do meio e tempo da história e as histórias orais alternativas. Fazendo um balanço crítico, pode-se dizer que Leite, neste momento da pesquisa, convida o leitor a refletir sobre quais memórias foram e são rasuradas pelas lentes narrativas do discurso imperial.

A expansão desse horizonte de interpretação ganha mais força no penúltimo seguimento do texto da pesquisadora portuguesa – sugestivamente nomeado de *Percursos pós-coloniais da poesia moçambicana*. Deitada no campo da figurabilidade da poesia, a reflexão desenvolvida gira em torno da formulação pós-colonial de uma tradição poética, partindo da análise dos textos de Luís Carlos Patraquim. Encontra-se também um debate voltado para a reescrita de Caliban sobre a ilha de Próspero. Há o rastreamento do múltiplo rosto das imagens no poeta Armando Artur. E, finalmente, traduz-se a poética do imaginário elemental na poesia moçambicana, situada entre as margens do mar e céu.

O último reduto do olhar de Ana Mafalda Leite singra as fronteiras de *Notas finais – trânsitos de um percurso teórico*. Neste espaço discursivo, desenham-se as filigranas do entre-lugar dos discursos pós-coloniais, passando pela explanação das controvérsias sobre as designação e teorias pós-coloniais. Trabalha-se com a noção, hoje, de universalidade como descentramento, rastreando a condição pós-colonial da escrita nos estudos literários africanos.

(Des)costurados em seus movimentos para aquém e além das fronteiras cerceadoras da monovocalidades teórico-metodológicas, os novos pactos de produtividade crítica de *Oralidades & Escritas Pós-coloniais* desatam veredas e zonas de diálogos que permitem atravessar os rios hiantes lançados sobre várias (l)atitudes talhadas pela mão e a pena nos templos das páginas do discurso das literaturas africanas de língua portuguesa. Com as lupas de abordagem forjadas por Leite, pesquisadores, docentes, discentes e críticos que viajam nas praias e mares dessas literaturas, escondidas por muito tempo no canto da letra eurocêntrica, podem capturar os trânsitos do olhar enviesado que se espraia nos encontros da travessia crítica.

Das experiências colhidas nessa travessia, e *Oralidades & Escritas Pós-coloniais* potencializa essa aura que se abre para traduzir os deslocamentos para dentro e fora de si – espera-se que o leitor brasileiro aloje-se na proa dos barcos desenhados por Leite e atravesse os mares do discurso crítico-literário para atracar suas âncoras em praias cuja areia movediça incite a deambulação nos territórios da liminaridade. Por isso mesmo, *Oralidades & Escritas Pós-coloniais* será referência obrigatória na atual cena dos estudos literários africanos.